

## **"Geografias Feministas: Trajetórias de Mães Solo na EJA e o Papel da Rádio Noroeste na Comunicação Periférica"**

Autora: Vanessa Jesus Lima da Silva  
Orientadora: Lorena Francisco de Souza

### **RESUMO**

O presente artigo visa abordar como foi estar por dois semestre próximo a estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos) como estagiária pela Universidade Federal de Goiás, e as trajetórias e dupla jornada de trabalho das alunas foi algo que me chamou muita atenção. A mulher na sociedade sempre foi vista com o papel da cuidadora, tanto que por falta de afetos e estrutura familiar caímos em relacionamentos abusivos. Entender como é de fato a geografia social, espacial e a geografia dos nossos corpos também é importante para entender as trajetórias das mães solo, não só entender mas passar a disseminar conhecimentos de como a universidade com seus ensinamentos pode fazer essa troca com essas Mães delimitando o espaço geográfico do EJA, e irei traçar essa comunicação tanto em campo na escola Estadual Jardim Balneário Meia Ponte, Quanto através da parceria que temos com a Rádio Noroeste FM e o Grupo Espaço Sujeito Dona Alzira que traz comunicação e acesso a informação as periferias de Goiânia.

**Palavras-chaves:** Geografia Feminista, Mães Solo, Comunicação.

## **INTRODUÇÃO: Geografizando Trajetórias**

Este artigo apresenta relatos de experiência de uma licencianda em Geografia durante seu estágio realizado no Colégio Jardim Balneário Meia Ponte. A partir dessa vivência, foi possível observar de perto o cotidiano de alunas que são mães solo, as quais enfrentam diversas dificuldades — geoespaciais, sociais, territoriais, ambientais e outras. Muitas dessas mulheres, por não contarem com apoio familiar ou do Estado, levavam seus filhos para a escola, numa tentativa corajosa de conciliar maternidade e educação.

Pensar o ambiente escolar exige refletir sobre as interseccionalidades presentes nesse espaço, compreendendo como as dinâmicas de sexo e gênero influenciam diretamente a experiência dessas mães. Suas trajetórias de luta escancaram desafios cotidianos que merecem ser analisados à luz da Geografia Feminista, uma abordagem que permite pensar as relações entre espaço, corpo, poder e cuidado.

Segundo dados do G1, mais de 11 milhões de mulheres criam seus filhos sozinhas no Brasil. Além disso, de acordo com o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), mais de 91 mil crianças nasceram sem registro paterno. Esses números revelam a urgência de refletir sobre as ausências estruturais na vida dessas mães e o papel da escola e do Estado no acolhimento e suporte a elas.

Nesse contexto, esta pesquisa também busca extrapolar os limites da sala de aula e da academia, promovendo a disseminação de saberes por meio da Rádio Noroeste, um canal comunitário que se torna ferramenta essencial para dialogar com as mulheres da EJA e com outras moradoras da comunidade que desejam estudar, mas não contam com apoio. Através da rádio, pretende-se levar informações, fortalecer direitos e, sobretudo, dizer a essas mulheres que elas têm o direito de estudar — e que o Estado tem o dever de apoiá-las. Este trabalho, portanto, nasce do desejo de contribuir para a construção de um território mais justo e acolhedor, onde o conhecimento circule, transforme e empodere.

### **A importância do EJA para as Maes solo**

A geógrafa Doreen Massey nos ensina que espaços como a escola, a cidade e até mesmo nossos próprios corpos carregam marcas profundas das relações de poder — como o machismo, o patriarcado, o racismo e as desigualdades sociais. A escola, portanto, não é apenas um local de ensino: é também um território onde essas desigualdades são reproduzidas e, muitas vezes, naturalizadas.

No caso das mães solo, especialmente as mulheres negras, periféricas e usuárias da escola pública, essas barreiras se multiplicam. Elas enfrentam não apenas a falta de apoio institucional, mas também o preconceito que recai sobre suas trajetórias. São vidas constantemente invisibilizadas — e essa invisibilidade pesa. Falta acolhimento, mas não falta julgamento.

Nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem um papel fundamental, pois representa uma segunda chance de retomada dos estudos para muitas mulheres que precisaram interromper sua formação devido à gravidez e à dupla (ou tripla) jornada de trabalho. No entanto, é preciso também fazer uma crítica construtiva: o EJA ainda precisa avançar no acolhimento real dessas mães, oferecendo estruturas de apoio que permitam sua permanência e participação ativa no processo educativo.

"O espaço é um produto das relações sociais e, portanto, as relações de poder estão inscritas nele." (Massey, 1994)

Durante meu estágio, vivenciei de perto essa realidade. Muitas mães solo levavam seus filhos para a escola por não terem com quem deixá-los. Isso revela como elas vivem o espaço escolar de forma diferente dos demais alunos: enfrentam barreiras invisíveis, mas muito concretas. Esse cotidiano exige de nós, educadores e pesquisadores, uma escuta atenta e um compromisso com práticas pedagógicas que reconheçam, respeitem e acolham essas mulheres em sua integralidade.

### **A metodologia e o papel da Rádio Noroeste com as Mães solo**

A metodologia adotada nesta pesquisa buscará integrar diferentes abordagens qualitativas para compreender as experiências das mães solo que são estudantes no Colégio Jardim Balneário Meia Ponte. Inicialmente, será realizado um levantamento de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com essas mães, visando captar suas histórias de vida, desafios enfrentados e percepções sobre o ambiente escolar e o apoio institucional. As entrevistas também servirão para compreender de que maneira elas lidam com a dupla jornada de trabalho e as dificuldades que surgem ao conciliar maternidade e educação.

Além disso, com o objetivo de disseminar o conhecimento gerado e criar um espaço de diálogo, as gravações realizadas para o programa *Temas Urgentes do Mundo*, na Rádio Noroeste, se tornarão um instrumento importante de amplificação dessas vozes. A rádio, como meio de comunicação comunitária, tem um papel central na articulação de saberes e experiências. Será um canal para que outras mães, não apenas as do EJA, mas também aquelas da comunidade em geral, possam ter acesso a informações sobre direitos, educação e o apoio que têm ou não têm para continuar seus estudos.

Ao utilizar a rádio, espero proporcionar a essas mulheres um espaço para expressar suas lutas, compartilhar suas trajetórias e, sobretudo, mostrar a elas que a educação é um direito legítimo que deve ser assegurado pelo Estado. A rádio, ao atingir uma audiência mais ampla, permitirá que outras mulheres da comunidade também se sintam

encorajadas a buscar seu lugar no processo educativo, promovendo a troca de saberes e fortalecendo a rede de apoio às mães solo.

Dessa forma, a pesquisa se propõe não apenas a compreender o cotidiano das mães solo na escola, mas também a contribuir para a transformação desse espaço, levando o conhecimento para fora dos muros da sala de aula e buscando uma educação mais inclusiva, que acolha as realidades das mulheres que, muitas vezes, são invisibilizadas nas discussões educacionais.

## REFERÊNCIAS

**MASSEY, Doreen.** *Space, place and gender*. Cambridge: Polity Press, 1994.

**G1.** Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. *G1*, 12 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

**IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família.** Brasil já registra mais de 91 mil crianças sem o nome do pai em 2024. *IBDFAM*, 15 jan. 2024. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/12043/Brasil+j%C3%A1+registra+mais+de+91+mil+crian%C3%A7as+sem+o+nome+do+pai+em+2024>. Acesso em: 16 abr. 2025.

**COSTA, Luma Araújo da.** “Mulher é muito mais do que mãe”: práticas espaciais e resistências cotidianas de mulheres-mães da cidade de Juazeiro-BA. *Revista da ANPEGE*, v. 17, n. 30, p. 255–279, set./dez. 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/12472/pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.